

Os primórdios do ensino da flauta no Rio de Janeiro (1808-1831)¹

Humberto Amorim²

Universidade Federal do Rio de Janeiro | Brasil

Resumo: O artigo objetiva realizar um levantamento dos professores de flauta atuantes no Rio de Janeiro no ínterim compreendido entre a chegada da família real portuguesa (1808) e a abdicação de d. Pedro I ao trono brasileiro (1831). Como objetivos secundários, suscita o papel dos periódicos pioneiros da imprensa brasileira na difusão do ensino do instrumento, bem como identifica e analisa algumas das tipologias características do ensino de flauta do período. Alicerçada em uma pesquisa documental, a metodologia consistiu no levantamento, categorização, cruzamento e análise de mais de 50 anúncios (grande parte dos quais inéditos) recolhidos em seis distintos jornais (Gazeta do Rio de Janeiro, Diário do Rio de Janeiro, Jornal do Commercio, Correio Mercantil, Spectador Brasileiro e O Sete de Abril). Os resultados e conclusões indicam a significativa atuação de professores estrangeiros (sobretudo franceses) no Rio de Janeiro e as diversas estratégias utilizadas pelos mestres de flauta para subsistir, dentre as quais despontam o ensino de outros instrumentos, de línguas estrangeiras e mesmo a execução de tarefas extramusicais, realidades que nos ajudam a melhor compreender os caminhos que nos trouxeram às práticas de hoje.

¹ *The beginnings of flute teaching in Rio de Janeiro (1808-1831)*. Submetido em: 02/03/2018. Aprovado em: 26/07/2018.

² Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) desde 2007. Doutor em Musicologia, Mestre em Práticas Interpretativas, possui ainda três graduações na área musical, além de ter obtido o Máster em violão clássico pela Universidade de Alicante (ESP). Já realizou concertos, palestras, comunicações e lançamentos em 13 países e publicou um DVD e dois livros pela Academia Brasileira de Música: Tacuchian por Humberto Amorim (2015), Ricardo Tacuchian e o Violão (2014) e Heitor Villa-Lobos e o Violão (2009), este último considerado pela crítica “a maior pesquisa já realizada sobre o assunto no Brasil” (Revista Violão Pro, 2009). Desde 2016, vem publicando uma série de artigos em revistas especializadas, frutos de seu período como pesquisador-residente (2015-2017) da Fundação Biblioteca Nacional. E-mail: humberto-amorim@hotmail.com

Palavras-chave: Música no Rio de Janeiro do século XIX. Professores de flauta. Anúncios musicais em jornais.

Abstract: The article presents an unpublished survey of flute teachers working in Rio de Janeiro in the interim between the arrival of the Portuguese royal family (1808) and the abdication of d. Pedro I to the Brazilian throne (1831). As secondary objectives, it raises the role of the Brazilian press in the diffusion of the teaching of the instrument, as well as identifies and analyzes some of the characteristic typologies of the flute teaching of the period. The methodology consisted in surveying, categorizing, crossing and analyzing more than 50 announcements (mostly unpublished) collected in six different newspapers (*Gazeta do Rio de Janeiro*, *Diário do Rio de Janeiro*, *Jornal do Commercio*, *Correio Mercantil*, *Spectador Brasileiro* and *O Sete de Abril*). The results and conclusions indicate the significant performance of foreign teachers (mainly French) in Rio de Janeiro and the different strategies used by flute teachers to survive, among which are the teaching of other instruments, the teaching of foreign languages and also extramusical works.

Keywords: Music in Rio de Janeiro in the Nineteenth century. Flute teachers. Musical ads in historical newspapers.

A flauta foi o instrumento melódico mais difundido ao longo dos distintos momentos do período colonial brasileiro (1500-1822), um fato possibilitado pela percuciente inserção do instrumento nos três espaços socioculturais nos quais mais houve a prática e o ensino de música na América Portuguesa: as igrejas e o seus estabelecimentos; os regimentos militares e as suas bandas; e, finalmente, as ruas, de onde eclodiam grande parte das trocas culturais que, naquele ínterim, engendraram novos ritmos, danças e gêneros musicais no Brasil.

A utilização da música para catequização e aculturação dos índios já é um dado bastante esquadrinhado pela musicologia brasileira³. No mais completo estudo sobre o tema, Holler pontua a frequência com que as flautas são mencionadas em textos diversos da Companhia de Jesus entre os séculos XVI e XVII, indicando que estes “foram os instrumentos mais utilizados no princípio da atuação dos jesuítas junto aos índios, não somente pela semelhança com seus instrumentos, mas também pela facilidade na sua construção e execução”. O autor ainda nos revela que as flautas participavam de cerimônias “tanto sacras, como missas, ofícios e procissões, quanto profanas, como recebimentos e festas” (HOLLER, 2006: 90).

De fato, pouco depois da instalação dos jesuítas no Brasil, em 23 de março de 1549, os primeiros relatos resultantes do ensino de flauta já ecoavam na carta que o padre Antônio Blasques escrevera para o Provincial de Portugal, em 09 de maio de 1565:

Houve nestas vésperas três coros diversos: um de canto de órgão, outro de um cravo e outro de flautas de modo que, acabando um, começava o outro, e todos, certo, com muita ordem quando vinha a sua vez. É dado que o canto do órgão deleitava ouvindo-se e a suavidade do cravo detivesse os ânimos com a doçura da sua harmonia, todavia quando se tocavam as flautas se alegravam e se regozijavam muito mais os circunstantes, porque, além de o fazer mediocremente, os que as tangiam eram os meninos brasis, a quem já de tempo o padre Antônio Rodrigues tem ensinado. (apud HOLLER, 2006: 70)

Ao longo dos séculos XVII, a flauta seguiu sendo mencionada na documentação jesuíta, conforme demonstram a Relação da Província do Brasil (ca. 1610), supostamente escrita pelo padre Jácomo Monteiro⁴, e a Crônica da Missão do Maranhão (1698) do padre João Felipe Bettendorf, documento no

³ “O ensino regular dos leigos nos tempos coloniais [até 1759, ano da expulsão dos jesuítas do Brasil] era ministrado pelas ordens religiosas, mas financiado pela Coroa, que concedia verbas anuais para que os padres alfabetizassem parte da população, em geral os membros das classes mais abastadas, que futuramente trabalhariam para o Estado” (CARDOSO, 2008: 124-125).

⁴ Ao descrever a sua chegada e recebimento em uma Aldeia do Espírito Santo, o padre contara que havia meninos “bem empenados e mui bons dançantes e tangedores de flautas, violas” (HOLLER, 2006: 105).

qual, ao descrever as atividades do padre Gonçalo de Veras em aldeias do Maranhão, anota: “não tendo outros romeiros que os rapazes que lhe serviam e tocavam as flautas do tempo do sacrifício da Missa, por ser um deles Tabajara da serra, que sabia tocar, e ter além destes uns índios chameleiros da mesma nação.” (apud HOLLER, 2006: 72).

Já no século XVIII, a contínua inserção das flautas em estabelecimentos religiosos também é ratificada pelos inventários da Aldeia de São Pedro do Cabo Frio, realizado em 05 de julho de 1759 e no qual constavam 2 flautas, e no inventário da Fazenda de Santa Cruz, que também lista a presença de 2 flautas doces. De acordo com Holler, a exceção deste último exemplo, tais textos não “fazem distinção entre flautas transversais e doces” (2006: 90).

Cardoso pontua que além dos padres da Companhia de Jesus, outras ordens religiosas também detinham classes, como os franciscanos, carmelitas e beneditinos. Baseado em Cavalcanti (2004), o autor acrescenta que “para meninas e moças havia as aulas das franciscanas no convento de Nossa Senhora da Ajuda. Posteriormente, em decorrência do aumento da população, houve o estabelecimento de aulas regulares em quartéis e nas demais instituições militares” (CARDOSO, 2008: 125). A música não passou incólume a esta transição e os instrumentos de sopro e de percussão preponderaram nestes últimos espaços desde meados do século XVIII, pelo menos:

A organização das bandas de músico no exército português começou no final do século XVIII com a criação da Brigada Real da Marinha. Pelo Alvará de 28 de agosto de 1797, o príncipe regente d. João ‘permite que a Real Brigada tenha música’. Com outro decreto, o de 20 de agosto de 1802, d. João determinou as quantias mensais ‘para satisfação de onze Muzicos de instrumental, constantes da relação junto’. A partir dessa data, os conjuntos militares passaram a ter sua formação definida e especificada, sendo formados por flautim, uma primeira clarineta, duas segundas clarinetas, fagote, duas trompas, clarim, zabumba, prato e caixa de rufo. (CARDOSO, 2008: 131-132)

Todavia, os praticantes dos variados tipos de flautas (flautim, doce, transversal com diferentes números de chaves, etc.) não ocuparam somente igrejas e/ou regimentos militares ao longo do período colonial brasileiro, mas também estiveram embrenhados nas ruas, concorrendo para a circularidade cultural que fomentou muitos dos gêneros e ritmos que estão na base do que hoje compreendemos como “música brasileira”. Embora a flauta seja mencionada em tal contexto por diversos viajantes e cronistas durante os séculos XVIII e XIX, optamos por reproduzir um desconhecido anúncio publicado na década de 1830, indicando o grau de inserção do instrumento nas práticas populares que ocorriam nas ruas:

Óra eira aqui o quis o Modestus!... Já cantão por essas ruas coisas a seu respeito, como cantavão a respeito do Sr. Severo. Encontramos na rua do Piolho, uma das noites passadas, um farranxo de moços e moças que se andavão divertindo com toques de violão e flauta, e ouvímos que de entre eles cantava um para uma das moças [...]. A cantarola continuava; mas, como era tarde, não nos quisemos demorar para ouvir o resto (O SETE DE ABRIL, 1838).

Cardoso expressa que “tanto com os *mestres de solfa* nas igrejas quanto com os *mestres de banda* nos regimentos, as aulas de música eram ministradas para as funções específicas nos coros eclesiásticos e nos grupos militares”.⁵ O autor ainda pondera que “outra opção era o jovem entregar-se aos cuidados de um mestre de música particular, tornando-se seu discípulo e iniciando a vida profissional tocando em seus conjuntos” (CARDOSO, 2008: 126). Na esteira de tal inferência, o intuito do presente artigo é realizar um inédito mapeamento dos professores de flauta atuantes no Brasil nas primeiras décadas do século XIX, no ínterim compreendido entre dois momentos marcantes de nossa vida sociocultural, política e econômica: a chegada da família real portuguesa (1808) e a abdicação ao trono de D. Pedro I (1831). Além disso, procurará demonstrar o papel decisivo dos primeiros periódicos da imprensa brasileira nesta atuação, bem como identificar as principais características do ensino de flauta do período.

Os professores de flauta nas primeiras décadas do Brasil Oitocentista

Uma série de três eventos ocorridos em 1808 foram decisivos para alavancar o ensino musical no Brasil em princípios dos Oitocentos: a instalação da família real portuguesa e de seu séquito na América Portuguesa; a subsequente abertura dos portos brasileiros às nações amigas; e finalmente a criação da Imprensa Régia em 13 de maio daquele ano, permitindo a circulação do primeiro periódico oficial na então colônia portuguesa: a Gazeta do Rio de Janeiro, cuja primeira edição veio à luz em 10 de setembro de 1808. Quase três anos depois, em 05 de fevereiro de 1811, uma carta régia autorizaria o funcionamento de uma tipografia também na Bahia, possibilitando a difusão do periódico Idade d’Ouro, cujo primeiro

⁵ Segundo Cardoso, “A chegada da corte portuguesa não alterou a antiga prática de aprendizado musical herdada do século XVIII, a qual podia ser feita diretamente nas catedrais e sés e em algumas matrizes que mantinham grupos musicais ou nos regimentos militares” (CARDOSO, 2008: 126).

número data de 14 de maio de 1811⁶.

A partir de então, outros periódicos foram sendo paulatinamente publicados, permitindo-nos compreender como funcionava parte, pelo menos, do ensino musical ocorrido em território brasileiro nas primeiras décadas do século XIX.

A primeira menção a um mestre musical em nossa embrionária imprensa ocorre em 21 de fevereiro de 1810, quando, em meio a um anúncio de venda de terras, é citado “Joaquim Bernardo de Almeida, Professor de Música, morador na rua da Misericórdia nas lojas das casas n. 14” (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1810). Coincidentemente, outros dois professores de música também são mencionados em anúncios de venda de terras nos anos subsequentes: Francisco Antonio da Costa Correa, em 1812 (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1812a); e Joaquim Marianno da Silva, em 1813 (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1813).

A flauta tem um papel significativo nestes primevos movimentos da música em nossa imprensa, uma vez que o anúncio inaugural de um professor particular de instrumento musical foi realizado justamente pelo flautista **Miguel Cardozo**, em 11 de abril de 1812:

Quem quizer aprender a tocar flauta, procure a *Miguel Cardozo*, na travessa que volta da rua de *S. Pedro* para *S. Joaquim*; Caza terrea da parte esquerda N. 55: o qual se tem proposto a ensinar pessoas particulares, tanto *Estrangeiras*, como *Portuguezas*, e de todos tem tido boa aceitação (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1812b).

Dez anos se passam para que um novo professor do instrumento volte a veicular um reclame na imprensa brasileira. Às vésperas da Proclamação da Independência, **Estevão Masino** informa a mudança de seu endereço e “adeverte a todos os Senhores que quiserem aprender a tocar Flauta e Guitarra Franceza o poderão procurar na dita caza pois elle lhe protesta todo respeito e atenção” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1822a).

O anúncio descortina uma série de outros exemplos publicados ao longo da década de 1820. Ainda em 1822, mais precisamente em 08 de outubro, um evento ocorrido no Theatro Nacional em benefício do cantor Paulo Rosquellas nos dá conta de que o “Professor de Flauta **João Manoel Cambeces**”

⁶ De acordo com Mendes e Rabelo, “em Pernambuco, outra tipografia ganhou autorização de funcionamento, em 09 de setembro de 1816. De acordo com Costela (1970), a censura dos impressos nessas novas tipografias [da Bahia e de Pernambuco] seria exercida pelo governador e pelo Bispo” (MENDES E RABELO, 2011: 12).

executou umas “escolhidas variações” na ocasião (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1822b, grifo nosso).⁷

Alguns meses depois, desta vez no Theatro de S. João, um benefício em favor da dançarina Maria dos Anjos nos deixa saber que, dentre as apresentações elencadas, houve “hum grande concerto de flauta, encenado pelo professor **Francisco da Motta**” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1823, grifo nosso). Deste modo, constata-se que tais professores também foram os responsáveis pela progressiva inserção do instrumento no palco dos principais teatros do Rio de Janeiro.

Além dos quatro nomes supracitados, outros seis professores de flautas são citados nominalmente nos periódicos do Rio de Janeiro até o ano da abdicação de D. Pedro I ao trono brasileiro, ocorrida em 07 de abril de 1831. São eles:

1) **H. Bechem**, morador na rua da Ajuda n. 49, oferecia lições em sua residência ou em casas particulares (JORNAL DO COMMERCIO, 1828a);

2) **Antonio Mauger**, residente na rua dos Ourives n. 32 (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1829a);

3) O **Sr. Fidelis**, professor alocado na rua do Sabão (JORNAL DO COMMERCIO, 1830a);

4) **Lion**, um francês sito à rua da Ajuda n. 121, mas que também atendia em casas particulares (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1830a);

5) **Manoel Vicente Fortuna**, habitante na rua de S. José n. 117, e que além das aulas de flauta, também oferecia os serviços de forrar e pintar salas (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1831a);

6) e finalmente o **Sr. Goupil**, morador na rua dos Ciganos, personagem insistentemente procurado, não se sabe o motivo, em três diferentes anúncios publicados no Diário do Rio de Janeiro⁸ e no Correio Mercantil: “Roga-se ao Sr. Goupil, que foi ou he mestre de flauta, e que em Março, ou Abril do corrente anno morou na rua dos Ciganos haja de ter a bondade de dirigir-se á rua do Principe nos Cajueiros junto ao n. 46” (CORREIO MERCANTIL, 1831).

⁷ A apresentação foi repetida dias depois, conforme indica o anúncio publicado, em 16 de outubro de 1822, no Diário do Rio de Janeiro (1822c).

⁸ Neste periódico, o Sr. Goupil é citado nas edições de 21 de julho de 1831 (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1831b) e 16 de agosto de 1831 (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1831c).

Através dos periódicos, portanto, podemos constatar a atuação nominal de dez professores de flauta residentes no Rio de Janeiro entre 1812 e 1831. Contudo, no ínterim, o quantitativo foi significativamente maior, o que pode ser deduzido a partir do número substancial de propagandas em que os nomes dos anunciantes não são revelados.

Além de oferecer um panorama mais próximo da gama de professores em atividade, estes reclames também nos permitem visualizar o quão decisivo foi o papel dos jornais na difusão e consolidação do ensino do instrumento na província fluminense, convertendo-se em ferramenta indispensável tanto para os que ensinavam⁹ quanto para os que buscavam orientação: “A pessoa que anunciou á tempos neste Diario, a querer ensinar a tocar flauta por preço muito commodo; anuncie a sua morada ou então procure na rua do Rozario N. 165” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1827a).

No que diz respeito à aproximação entre professores e estudantes de flauta, o êxito dos anúncios pode ser constatado a partir de outros exemplos recolhidos nos próprios jornais. Em 06 de abril de 1826, por exemplo, um anônimo anuncia: “Pretende se hum Mestre de tocar flauta para dar huma lição todas as noites, quem estiver nestas circunstancias queira annunciar por este Diario sua moradia para se procurar” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1826b). Onze dias depois, a resposta chega através do mesmo periódico:

O Snr., ou pessoa que annunciou no Diario do Rio de Janeiro de 6 de Abril N. 4, notícias particulares, o annuncio N. 33, para quem estivesse nas circunstancias de dar huma lição de flauta, todas as noites; queira procurar na rua da Alfandega N. 28, ou declarar a sua rezidencia para ser procurado (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1826c).

Acertos do gênero não foram ocasionais. Em junho de 1827, uma nova troca de mensagens ratifica tal inferência: “48 Qualquer Snr. que quizer dar em sua casa lições de flauta, devendo ser nas tardes dos Domingos, e Dias Santos, de guarda, queira annunciar por este Diario, para ser procurado” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1827b). Cerca de três semanas depois, a resposta chega nas páginas do mesmo jornal: “42 Em resposta ao Diario de 5 de Junho N. 4, artigo 48, aonde se dezeja hum Mestre para dar lições de flauta; pôde dirigir-se a rua do Ouvidor N. 58 1º andar, para se tratar” (DIÁRIO DO RIO DE

⁹ Um exemplo: “Na rua do Snr. dos Passos N. 95 há hum sujeito que se propõe a ensinar a Musica, e tocar flauta com toda a perfeição, tanto particular, como publicamente a toda e qualquer hora do dia: quem se quizer utilizar do seu préstimo, procure a casa e numero acima, que acharà com quem tratar, ou alias anuncie a sua morada por este Diario para ser procurado” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1826a).

JANEIRO, 1827c).

Somente entre 1808 e 1831, recorte temporal deste artigo, foram encontrados outros 40 inéditos anúncios com a oferta ou busca por aulas de flauta, muitos dos quais contendo uma expedita resposta, um fato que ratifica o importante papel que desempenharam os periódicos na difusão do ensino do instrumento nas primeiras décadas do Brasil Oitocentista.

Dentre este número considerável de reclames, despontam os protagonizados por professores estrangeiros, um dado destacável no ensino do instrumento nos decênios inaugurais do século XIX. Muitos dos nomes e/ou sobrenomes antes apresentados já apontavam para o fato (Masino, Cambeces, H. Bechem, Mauger, Lion, Goupil, só para citar alguns). Contudo, há uma significativa indicação de forâneos também nos anúncios anônimos, o que se deve sobretudo à transferência da família real portuguesa para o Brasil e a conseqüente abertura dos portos brasileiros às nações amigas, fatores decisivos para pavimentar a relação comercial entre a colônia luso-brasileira e os países europeus, especialmente a Inglaterra.

Mais tarde, a partir de 1814, as relações políticas, econômicas e culturais entre Portugal e França também se aproximam. A queda de Napoleão Bonaparte e a Restauração da monarquia francesa (com a ascensão de Luís XVIII) são fatores que permitem a copiosa transferência de cidadãos franceses para o Brasil. Naturalmente, este processo reverberou no tabuleiro comercial das principais províncias brasileiras. Fridman, citando Schwarcz (2008), “aponta 17 navios partindo do Havre [cidade portuária no Noroeste da França] para o Brasil em 1816 com negociantes de tapetes, capitalistas, artesãos, joalheiros, fabricantes de armas e selas, alfaiates, curiosos, cientistas, literatos e religiosos” (2009: 178).

Na portentosa frota, marcada pela substantiva presença dos mercadores de variedades, estiveram presentes artistas e artefatos musicais. No mesmo ano, não à toa, chega ao Rio de Janeiro a Missão Artística Francesa chefiada por Joaquim Lebreton, contando com a participação de artistas do calibre de Jean-Baptiste Debret, Nicolas-Antoine Taunay, Grandjean de Montigny, dentre outros.

É dentro deste contexto que podemos compreender a presença dos professores de flauta franceses no Rio de Janeiro do período: “Hum hábil Professor de flauta, proximamente chegado de Paris, tendo professado com distincção este instrumento tão agradável como suave, offerece seu préstimo ao Publico, quem delle quizer utilizar-se pode dirigir-se á rua Direita N. 19” (O SPECTADOR BRASILEIRO,

1825a)¹⁰. Outros quatro exemplos recolhidos no Diário do Rio de Janeiro atestam a significativa circulação dos mestres franceses do instrumento na Corte carioca:

27 Hum Francez, Professor de flauta, ultimamente chegado nesta Corte, deseja dar algumas lições deste instrumento: os rápidos progressos d'aquellas pessoas que se dignarem dirigir-se a ele, justificarão a excelência de seu methodo; dirija se a rua do Ouvidor N. 69, na loja de hum Alfaiate Francez (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1827d).

63 Hum Francez Proffessor de flauta, já bem conhecido nesta Corte há mais de dois annos, tendo algumas horas desencapadas, offerece se a quem quizer usar do seu préstimo para dar lições em sua casa, rua do Passeio publico N. 42, ou em casas particulares (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1829b).

52 Hum moço chegado proxivamente de França, tem a honra de annunciar ao respeitável Publico, que dá lições de flauta de tarde, e de manhã, por preco commodo; quem se quizer utilizar do seu préstimo, dirija-se á rua da Ajuda n. 121 [?] (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1830b).¹¹

NOTICIAIS PARTICULARES [...] 65 O moço que dá lições de flauta, chegado novamente de França, o podem procurar na rua d'Ajuda n. 121 (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1830c).

A força da escola de flauta francesa no Brasil é também corroborada pela significativa difusão dos métodos de François Devienne (1759-1803), que foi professor de flauta no Conservatório de Paris, e especialmente de Tranquille Berbiguier (1782-1838), o mais recorrente autor no Brasil das primeiras décadas do século XIX. A França, aliás, atraía e exportava grande parte dos instrumentistas do período, conforme indica o seguinte anúncio, recolhido no Diário do Rio de Janeiro de 29 de janeiro de 1829:

44 Hum moço Allemão, que residio 9 annos em Pariz, offerece se a ensinar as línguas Francezas, e Allemão, e tambem a tocar flauta; quem se quizer utilizar do seu préstimo, poderá dirigir se ao becco da Fidalga N. 14, das 9 horas da manhã, até o meio dia (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1829c).¹²

Este último anúncio também descortina uma prática que foi muito comum dentre os professores que atuaram no Brasil do período: a oferta das aulas de flauta concomitantemente ao ensino de línguas estrangeiras, especialmente o francês. Abaixo, exemplos recolhidos em três distintos periódicos entre os

¹⁰ Anúncio repetido na edição seguinte do mesmo periódico, publicada em 07 de fevereiro de 1825 (O SPECTADOR BRASILEIRO, 1825b).

¹¹ Anúncio repetido no *Jornal do Commercio* (RJ) em 11 de agosto de 1830 (JORNAL DO COMMERCIO, 1830b).

¹² O anúncio foi repetido no *Jornal do Commercio* (RJ) logo no dia seguinte, dia 30 de janeiro de 1829 (JORNAL DO COMMERCIO, 1829a).

anos de 1827 e 1829:

14 Quem precisar de hum Professor muito hábil, e de boa conducta, para ensinar por casas particulares as lingoas Franceza, Ingleza, e Musica de flauta: dirija-se á rua do Rozario n. 109, ou annuncie pelos Diarios a sua moradia para ser procurado (DIÁRIO MERCANTIL, 1827).

13 Quem precisar de hum sujeito que sabe a lingua Franceza, e Italiana, todas as qualidades de conta; princípios de Geographia e de Religião, sabe tambem tocar flauta, para lhe ser confiado a educação de hum ou dous rapazes, não tem má letra: pode annunciar por este Diario a sua residência para ser procurado: adverte-se que da fiança á sua conducta e á sua moralidade (JORNAL DO COMMERCIO, 1828b).

59 Na rua da Cadeia N. 127, assiste hum Professor de lingua Franceza, muito capaz, e mais perito na arte de tocar flauta pelo methodo mais breve possível (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1829d).

No Brasil, uma rede de produção, consumo, comércio e ensino de música ainda se estruturava nas primeiras décadas do século XIX (cf. AMORIM, 2017). Como decorrência de tal fato, além do ensino de línguas estrangeiras, os emergentes profissionais da área musical eram obrigados a diversificar as suas vertentes de atuação, adequando-se às necessidades de um mercado até então incipiente: “42 Quem se quizer utilizar de hum professor de flauta e afinador de pianos, pode procurar na rua do Cano casa n. 52” (JORNAL DO COMMERCIO, 1831).¹³

Algumas vezes, inclusive, era preciso complementar a renda com atividades extramusicais, uma realidade que atravessou dois séculos e ainda é vigente em nossos dias: “Aluga-se por preço commodo hum sótão na rua da Misericórdia n. 220, para alguma Sra honestas de pouca família, na mesma casa tomão-se discípulos de musica para cantar, ou tocar flauta, por preço commodo” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1831d). Demonstra-se, assim, como o trabalho musical eventualmente era dirimido simultaneamente com outras perspectivas de subsistência.

Entretanto, dentre os diversos expedientes que eram utilizados pelos músicos para sobreviver, nenhum foi tão percuciente quanto o ensino simultâneo de diversos instrumentos. Especificamente no caso da flauta, foi muito comum que os mestres oferecessem as aulas juntamente com instrumentos

¹³ Outro exemplo do gênero: “NOTICIAS PARTICULARES. 43 O Proprietario da Fabrica de Pianos, na rua da Cadeia N. 142, tem a honra de annunciar ao respeitável Publico, que elle acaba de engajar excelentes afinadores de pianos, proximamente chegados da Europa, e que portanto se propõem a aceitar subscrições de hum preço modico por anno, ou mensalmente, **para afinar quaisquer pianos; assim como a dar lições de pianos, e de flauta aos amadores**, que assim se queirão ajustar. Na dita Fabrica, achão se agora á venda lindos pianos, e muito em conta” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1828, grifo nosso).

harmônicos, especialmente os cordofones de cordas dedilhadas (viola, guitarra francesa, violão, etc.). A paridade destes instrumentos com a flauta parece atender a uma demanda dos próprios praticantes, conforme sugere uma sequência de três anúncios publicados entre 1825 e 1826, no Diário do Rio de Janeiro:

A pessoa que se achar hábil para dar lições de Flauta, e Viola, em huma casa particular, e o queira fazer, anuncie por este Diario a sua morada para ser procurado (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1825).

Preciza-se de hum Mestre para insinar duas meninas, huma a violla Franceza, e outra a flauta por Muzica; dirija se a rua da Princeza em Vallongo N. 77 (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1826d).

No becco dos Cachorros N. 30, precisamos de bom Mestre de flauta, e viola, ou somente de flauta; quem se achar nas circunstancias de o ser, vá a dita casa, ou anuncie por este Diario a sua morada, para ser procurado (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1826e).

Naturalmente, o processo era uma via de mão dupla e as ofertas de aulas combinadas de flauta e violas/guitarras/violões também não tardaram a ocupar as páginas de alguns dos primeiros periódicos do Rio de Janeiro:

Algum Snr. que queira aprender a tocar guitarra, ou flauta com perfeição, e commodo preço; dirija se a rua da Quitanda entre a rua das Viollas, e a dos Pescadores loja pegado ao N. 238, para ajustar por mez, ou por lição a qualquer hora (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1826f).

Huma pessoa de capacidade se offerece a dar lições de Muzica, flauta, violão, ou violla, em casas particulares; quem se quizer utilizar do seu préstimo, anuncie a sua morada por este Diario (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1829e).

Os estrangeiros também foram presença constante no ensino de vários instrumentos, inclusive sendo os primeiros a oferecer simultaneamente aulas de flauta e outros instrumentos melódicos na imprensa brasileira:

62 Hum musico Estrangeiro, ocupando-se no ensino de tocar frauta, clarineta, e rebeca, profundamente, e por modico preço, convida aos Srs. que queirão utilizar-se do seu préstimo, o queirão procurar na rua de S. José n. 19 (CORREIO MERCANTIL, 1832).¹⁴

¹⁴ Anúncio repetido no Diário do Rio de Janeiro cinco dias depois, em 17 de janeiro de 1832 (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1832).

45 Hum sугeito chegado á pouco de Portugal, se propõe a ensinar por casas particulares, a cantar, tocar piano, frauta, rebeca, violeta; violencito, tudo debaixo dos princípios fundamentaes da Muzica: tambem se acha abil [hábil] para acompanhar qualquer Missa de canto ou figurado, ou de Muzica; e para Organista de qualquer Coro: bem como para copiar qualquer peça de Muzica para os ditos instrumentos; quem quizer utilizar-se do seu préstimo dirija se á rua da Candellaria N. 32, ou annuncie por este Diario para ser procurado (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1829f).

Aos professores, ainda era necessário se adequar às diversas demandas específicas que o público interessado em aprender flauta suscitava. Alguns exemplos:

- 1) Atender aos que já dominavam princípios do instrumento: “Qualquer Senhor Mestre de flauta que quizer dar lições a hum rapaz que já tem bons princípios deste instrumento, queira dirigir-se á rua detraz do Hospicio n. 11, que ahi receberá as informações necessárias” (JORNAL DO COMMERCIO, 1828c).
- 2) Ou aqueles que exigiam as classes em lugares ou horários específicos: “Se houver algum Sr. professor de flauta, que queira ensinar a tocar em sua casa, sendo a lição das 7 as 9 horas da noite, annuncie para ser procurado” (JORNAL DO COMMERCIO, 1829b).
- 3) Ou ainda quem buscava aulas em dupla e/ou em uma determinada região: “Precisa ze de hum Sr. Professor de flauta, que more no centro da Cidade, para dar lições a dois rapazes que dezejão aprender, quem estiver nestas circunstancias, annuncie por este Diario a sua morada para ser procurado” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1829g).

Tais especificidades também indicam que, já nas primeiras décadas do século XIX, havia duas modalidades de ensino musical vigentes no ensino da flauta no Brasil: uma “sem música”, conhecida nos dias de hoje como “de ouvido”; e uma outra “por música”, ou seja, com o uso de partituras. Com a abertura dos portos às nações amigas (1808), o fim da contenda com os franceses (1814) e o consequente aumento do comércio especializado e a importação em maior escala de professores, instrumentos e partituras, começa a existir uma demanda maior pelo chamado “ensino por música”, conforme indicam os seguintes reclames:

Se houver algum Sr. Proffessor de flauta, que queira dar **lições por muzica** a huma pessoa que dezeja aplicar-se nesta arte em algumas horas da noute, sendo as mesmas lições em casa do Proffessor, anunciará a sua moradia para ser procurado (JORNAL DO COMMERCIO,

1829c, grifo nosso).¹⁵

46 Ha uma pessoa capaz, que precisa de outra que ensine a tocar flauta, **segundo os princípios e regras da Muzica**, e que se se interesse no adiantamento do annunciante; quem estiver nestas circunstancias, dirija-se á rua da Conceição N. 80, para se tratar do ajuste (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1827e, grifo nosso).

27 Roga-se a qualquer professor de flauta, que queira **ensinar a tocar por musica**, anuncie a sua moradia para ser procurado (JORNAL DO COMMERCIO, 1829h, grifo nosso).¹⁶

Além dos exemplos já mencionados, coletamos mais de uma dezena de anúncios de anônimos professores de flauta atuando no Rio de Janeiro, em endereços diversos, no interstício compreendido entre 1808 e 1831. Dentre eles, alguns dos principais logradouros são: Rua dos Ourives n. 69 (anunciado em julho de 1827); Rua da Misericórdia n. 96 (anunciado em maio de 1831); Rua da Guarda-Velha n. 45 (anunciado em julho de 1831); além do principal deles, o mestre residente na Rua da Cadeia n. 127, responsável por publicar quatro diferentes anúncios somente no ano de 1829:

48 Quem quizer aprender a tocar flauta perfeitamente, e em breve tempo; procure o Professor, na **rua da Cadeia N. 127** (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1829i, grifo nosso).

32 Quem quizer aprender em breve tempo a tocar flauta com os melhores princípios, pode dirigir-se a **rua da Cadéa n. 127** (JORNAL DO COMMERCIO, 1827e, grifo nosso).

50 O Sr. filho de S. Paulo, que diz morar em Matta CAvallos, ao Collegio Inglez, e que aprendeo a tocar frauta na rua do Passeio Publico N. 46; queira ter a bondade de vir buscar os dous canudos da frauta, com sua competente caixinha, na **rua da Cadeia N. 127** (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1829l, grifo nosso).

Responde-se ao annuncio 48 do Diario de 15 de Outubro, póde dirigir se á **rua da Cadeia N. 127**, aonde achará o prospecto de flauta que se pede (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1829m, grifo nosso).¹⁷

¹⁵ A resposta a este anúncio ocorre quatro dias depois e é realizada por um dos mais ativos professores de flauta do período, o morador sito à Rua do Passeio Público, n. 46: “20 Respondendo ao artigo n. 30 do Jornal do Commercio de Quinta feira 6 do corrente, aonde se declara precisar de hum Professor de flauta, queira o author do mesmo annuncio dirigir-se a rua do Passeio Publico n. 46, e lá achar quem se quer incumbir da tarefa, com as condições exigidas” (JORNAL DO COMMERCIO, 1829d).

¹⁶ Por sua vez, a resposta deste foi realizada logo no dia seguinte: “*Noticias Particulares* 19 O Sr. que annunciou por este Jornal em noticias particulares n. 27, em que diz dezejar hum Professor de Frauta, procure na rua da Conceição n. 80” (JORNAL DO COMMERCIO, 1829j).

¹⁷ O endereço é ainda incidentalmente mencionado uma outra vez: “54 Roga se por obzequio ao Sr que hia tomar lições de flauta nos Domingos, e dias Santos, na rua da Cadeia n. 127, de entregar onde recebeo hum canudo de flauta, que se lhe deu por inadvertencia” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1830d).

No ano seguinte, o professor ainda informaria ao público fluminense a mudança de seu endereço para a Rua da Ajuda n. 158: “O Professor de frauta que assistia na rua da Cadeia n. 127, tem a honra de participar ao Respeitavel Publico, que mudou-se para a rua da Ajuda n. 158” (DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, 1830e).¹⁸

Captados pela imprensa carioca, eis um panorama dos movimentos da flauta no cenário sociocultural do Rio de Janeiro entre os anos de 1808 e 1831. Em síntese, a contribuição deste artigo assenta sobretudo em três aspectos:

1) Elencar nominalmente 10 professores de flauta atuantes no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XIX;

2) Delinear o quão decisivo foi o papel dos jornais na difusão e consolidação do ensino do instrumento na corte fluminense;

3) Identificar algumas das tipologias deste ensino na teia social, destacando-se a preponderância de professores estrangeiros (sobretudo franceses) e as diversas estratégias que foram utilizadas para a subsistência dos mestres: a oferta paralela de aulas de flauta e línguas estrangeiras; o ensino simultâneo de flauta e outros instrumentos (com ênfase nos cordofones de cordas dedilhadas); o atendimento às demandas específicas suscitadas pelos estudantes (lugares, horários e regiões específicas, aulas em dupla, ensino “por música”, etc.) e mesmo a coordenação das atividades musicais com tarefas extramusicais. São dados que abrem novos leques sobre a história da flauta no Rio de Janeiro e nos ajudam a melhor compreender os caminhos que nos trouxeram às práticas de hoje.

Referências

AMORIM, Humberto. O ensino de música nas primeiras décadas do Brasil oitocentista (1808-1822). *Opus – Revista Eletrônica da ANPPOM*. Campinas, v. 23, n. 3, p. 43-66, 2017

CARDOSO, André. 2008. *A Música na Corte de D. João VI*. São Paulo: Martins Fontes.

CAVALCANTI, Nireu. 2004. *O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FRIDMAN, Fania. Judeus-franceses no Rio de Janeiro do Século XIX. In: DE LUCA, Tania Regina;

¹⁸ Anúncio também repetido no Jornal do Commercio quatro dias depois (JORNAL DO COMMERCIO, 1830c).

VIDA, Laurent (orgs.). *Franceses no Brasil: séculos XIX-XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 175-190.

HOLLER, Marcus Tadeu. 2006. *Uma História de Cantares de Sion na Terra dos Brasís: A Música na Atuação dos Jesuítas na América Portuguesa (1549-1759)*. Tese (Doutorado em Música). Instituto de Arte, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas (SP).

MENDES, Jairo Faria; RABELO, Ernane. A Censura no Período Colonial. In: *8 Encontro Nacional de História da Mídia*. Anais do 8 Encontro Nacional de História da Mídia. Guarapuava-PR: Unicentro, 2011. Disponível em:

<<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/8o-encontro-2011-1/artigos/A%20censura%20no%20periodo%20colonial.pdf/view>>

Acesso em 02 mar. 2018, às 15:38 h.

Periódicos

CORREIO MERCANTIL, Rio de Janeiro, v. 2, n. 167, 03 ago. 1831, p. 4.

_____, Rio de Janeiro, n. 297, 12 jan. 1832, p. 3.

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro (RJ), n. 4, 05 jan. 1822a, p. 3.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 7, Ed. 280, 08 out. 1822b, p. 3.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 14, Ed. 289, 16 out. 1822c, p. 4.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 16, Ed. 172, 21 jun. 1823, p. 4.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 25, 31 dez. 1825, p. 4.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 16, Ed. 229, 19 ago. 1826a, p. 3.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 4, Ed. 96, 06 abr. 1826b, p. 3.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 13, Ed. 107, 17 abr. 1826c, p. 6.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 13, Ed. 16, 16 jan. 1826d, p. 3.

_____, Rio de Janeiro (RJ), Ed. 11, 13 mar. 1826e, p. 3.

_____, Rio de Janeiro (RJ), 09 nov. 1826f, p. 4.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 4, Ed. 64, 05 mar. 1827a, p. 3.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 3, Ed. 156, 05 jun. 1827b, p. 4.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 20, Ed. 78, 28 jun. 1827c, p. 3.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 17, Ed. 139, 19 mai. 1827d, p. 3.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 5, Ed. 278, 05 out. 1827e, p. 3.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 7, Ed. 220, 08 ago. 1828, p. 3.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 9, Ed. 43, 12 fev. 1829a, p. 4.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 25, Ed. 150, 30 mai. 1829b, p. 3.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 22, Ed. 29, 29 jan. 1829c, p. 3.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 19, Ed. 327, 23 nov. 1829d, p. 3.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 13, Ed. 135, 15 mai. 1829e, p. 7.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 18, Ed. 325, 21 out. 1829f, p. 3.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 13, Ed. 284, 15 out. 1829g, p. 3.

_____, Rio de Janeiro (RJ), n. 21, Ed. 267, 25 set. 1829h, p. 3.

- _____, Rio de Janeiro (RJ), n. 12, Ed. 642, 11 dez. 1829i, p. 3.
- _____, Rio de Janeiro (RJ), n. 21, Ed. 267, 25 set. 1829j, p. 3.
- _____, Rio de Janeiro (RJ), n. 6, Ed. 341, 07 nov. 1829l, p. 3.
- _____, Rio de Janeiro (RJ), n. 16, Ed. 323, 19 out. 1829m, p. 3.
- _____, Rio de Janeiro (RJ), n. 12, 14 ago. 1830a, p. 3.
- _____, Rio de Janeiro (RJ), n. 27, 16 ago. 1830b, p. 3.
- _____, Rio de Janeiro (RJ), n. 6, 07 set. 1830c, p. 3.
- _____, Rio de Janeiro (RJ), n. 6, 07 mai. 1830d, p. 3.
- _____, Rio de Janeiro (RJ), n. 15, 20 abri. 1830e, p. 3.
- _____, Rio de Janeiro (RJ), n. 3, 04 fev. 1831a, p. 3.
- _____, Rio de Janeiro (RJ), n. 17, 21 jul. 1831b, p. 3.
- _____, Rio de Janeiro (RJ), n. 13, 16 ago. 1831c, p. 5.
- _____, Rio de Janeiro (RJ), n. 15, 17 mar. 1831d, p. 2.
- _____, Rio de Janeiro (RJ), n. 13, 17 jan. 1832c, p. 3.
- DIÁRIO MERCANTIL, Rio de Janeiro (RJ), v. 9, n. 69, 22 set. 1827, p. 4.
- GAZETA DO RIO DE JANEIRO, Avisos, Rio de Janeiro (RJ), 21 fev. 1810, p. 4.
- _____, Avisos, Rio de Janeiro (RJ), 06 jun. 1812a, p. 4.
- _____, Avisos, Rio de Janeiro (RJ), 11 abr. 1812b, p. 4.
- _____, Avisos, Rio de Janeiro (RJ), 24 abr. 1813, p. 4.
- JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, v. II, N. 87, 16 jan. 1828a, p. 4.
- _____, Rio de Janeiro, v. II, n. 89, 18 jan. 1828b, p. 4.
- _____, Rio de Janeiro, v. II, n. 146, 28 mar. 1828c, p. 4.
- _____, Rio de Janeiro, v. II, n. 392, 30 jan. 1829a, p. 3.
- _____, Rio de Janeiro, v. VI, n. 395, 04 fev. 1829b, p. 3.
- _____, Rio de Janeiro, v. IX, n. 537, 06 ago. 1829c, p. 3.
- _____, Rio de Janeiro, v. IX, n. 540, 10 ago. 1829d, p. 2-3.
- _____, Rio de Janeiro, v. IX, n. 581, 30 set. 1829e, p. 3.
- _____, Rio de Janeiro, v. II, n. 96, 04 mai. 1830a, p. 4.
- _____, Rio de Janeiro, v. III, n. 178, 11 ago. 1830b, p. 3.
- _____, Rio de Janeiro, v. II, n. 88, 24 abr. 1830c, p. 4.
- _____, Rio de Janeiro, v. II, n. 144, 08 fev. 1831, p. 3.
- O SETE DE ABRIL, Rio de Janeiro (RJ), Ed. 531, 07 mar. 1838, p. 4.
- O SPECTADOR BRASILEIRO, Rio de Janeiro (RJ), n. 89, Ed. 172, 04 fev. 1825a, p. 4.
- _____, Rio de Janeiro (RJ), n. 90, 07 fev. 1825b, p. 3.